Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Bárbara da Silva Amorim

A Relação entre Orientações de Identidade e Saúde Mental nos Adolescentes Portugueses: O Efeito Mediador das Necessidades Psicológicas Básicas

junho de 2025

A Relação entre Orientações de identidade e Saúde Mental nos Adolescentes Portugueses: O efeito Mediador das Necessidades Psicológicas Básicas

Bárbara Amorim

UMinho | 2025

Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Bárbara da Silva Amorim

A Relação entre Orientações de Identidade e Saúde Mental nos Adolescentes Portugueses: O efeito Mediador das Necessidades Psicológicas Básicas

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Psicologia
Clínica na Infância e
Adolescência

Trabalho efetuado sob a orientação da

Professora Doutora Teresa Freire
Doutora Regina Alves

junho de 2025

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações

CC BY-NC-ND

https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

Agradecimentos

Ao longo deste percurso, foram várias as figuras que foram essenciais para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, às quais dirijo os meus mais sinceros agradecimentos.

À Professora Doutora Teresa Freire, por toda a ajuda e oportunidades proporcionadas.

À Professora Doutora Regina Alves, por todo o suporte, ensinamentos e partilhas, que tornaram todo este trabalho mais leve, por me ter incutido o gosto pela investigação e pela procura de conhecimento.

À minha mãe, por toda a ajuda, dedicação e apoio incondicionais ao longo deste processo. Pela presença constante, por teres sido luz nos dias mais escuros, és e serás sempre, o meu maior exemplo de amizade, amor e ternura.

Ao meu pai, por todas as conversas e concelhos, por seres a voz serena da tranquilidade e da segurança de que tudo corre bem quando lutamos com convicção.

Ao Bruno, pelo apoio diário, por estares sempre ao meu lado, pelo amor que é genuíno, seguro e abrigo, por sentires comigo e por seres sempre casa.

À Sara, por ter sido companhia, carinho e família durante tantos anos. Obrigada por me teres acompanhado neste e em muitos outros momentos especiais da minha vida, e por teres contribuído para a pessoa que hoje sou.

À Bina, por todas as comidas e dormidas que com todo o carinho me proporcionou, obrigada por ter sido um pedacinho de família num lugar que para mim me parecia tão longe de casa.

Ao Luís, por teres sido amizade pura desde o meu primeiro dia na universidade, por seres espaço seguro e abraço que nunca muda.

À avó Carolina, pelos olhos que brilham de orgulho em cada pequena conquista minha, espero que este trabalho seja mais um motivo de admiração por mim.

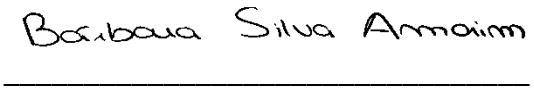
Ao avô Claudiano, por seres a saudade que carrego no coração e a força silenciosa que me acompanhou em cada passo, inspirando-me a lutar e a chegar até aqui.

À avó Amélia, dedico-te inteiramente este trabalho. Concretizei, com todo o meu coração, o teu maior sonho. Onde quer que estejas, espero que estejas a assistir a este momento e a sorrir com orgulho.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração. Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, 16 de junho de 2025,



(Bárbara da Silva Amorim)

A relação entre orientações de identidade e saúde mental nos adolescentes portugueses: O efeito mediador das necessidades psicológicas básicas

Resumo

A forma como os indivíduos compreendem e percebem o *self* tem implicações na cognição, emoção e comportamento social, produzindo efeitos na saúde mental, ao nível dos comportamentos internalizantes, externalizantes e do bem-estar. Este estudo teve como objetivo compreender a relação entre as orientações de identidade e a saúde mental em adolescentes portugueses, bem como analisar o efeito mediador das necessidades psicológicas básicas nesta relação. Para tal, foram aplicadas a Aspects of Identity Questionnaire-IV (Cheek & Cheek, 2018), a Basic Psychological Need Satisfaction and Frustration Scale (Chen, Vansteenkiste, et al., 2015); a Depression, Anxiety and Stress Scales (Lovibond & Lovibond, 1995); a Youth Externalizing Problems Screener (Renshaw & Cook, 2019); a Scale of Positive And Negative Experience (Diener et al., 2009); e a Abbreviated Three-Item Version of the Satisfaction With Life Scale (Kjell & Diener, 2021), a uma amostra de 345 adolescentes com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos. Os resultados evidenciaram mediação das necessidades psicológicas básicas na relação entre orientações de identidade e saúde mental, sendo a sua satisfação mais preponderante do que a sua frustração. Este estudo assume um caráter pioneiro ao enfatizar a importância de intervenções psicológicas que considerem as especificidades identitárias dos indivíduos.

Palavras-chave: Adolescência; Análise de mediação; Necessidades psicológicas básicas; Orientações de identidade; Saúde mental.

The relationship between identity orientations and mental health in portuguese adolescents: The mediative effect of basic psychological needs

Abstract

The manner in which individuals apprehend and perceive the self bears implications for cognition, emotion, and social behavior, yielding effects on mental health, specifically concerning internalizing and externalizing behaviors, as well as overall well-being. This study aimed to elucidate the relationship between identity orientations and mental health in Portuguese adolescents, alongside analyzing the mediating effect of basic psychological needs within this association. To this end, the Aspects of Identity Questionnaire-IV (Cheek & Cheek, 2018), the Basic Psychological Need Satisfaction and Frustration Scale (Chen, Vansteenkiste, et al., 2015), the Depression, Anxiety and Stress Scales (Lovibond & Lovibond, 1995), the Youth Externalizing Problems Screener (Renshaw & Cook, 2019), the Scale of Positive And Negative Experience (Diener et al., 2009), and the Abbreviated Three-Item Version of the Satisfaction With Life Scale (Kjell & Diener, 2021) were administered to a sample of 345 adolescents aged between 14 and 19 years. The results demonstrated the mediation of basic psychological needs in the relationship between identity orientations and mental health, with the satisfaction of these needs being more salient than their frustration. This study assumes a pioneering character by emphasizing the importance of psychological interventions that consider the identity specificities of individuals.

Keywords: Adolescence; Basic psychological needs; Identity orientations; Mediation analysis; Mental health.

Índice

Resumo v
Abstract vi
Índice vii
Introdução 1
Orientações de identidade 1
Orientações de identidade e saúde mental 2
Necessidades psicológicas básicas 3
Necessidades psicológicas básicas e orientações de identidade 4
Necessidades picológicas básicas e saúde mental 4
Metodologia 5
Amostra 5
Instrumentos utilizados 6
Procedimentos 8
Análise estatística 9
Resultados 9
Discussão 16
Relevância teórica e implicações práticas 19
Limitações e sugestões para estudos futuros 19
Referências 21

Índice de Tabelas

Tabela 1 10
Análises descritivas, índices de confiabilidade e correlações entre as subescalas 10
Tabela 2 13
Efeitos da mediação da satisfação e frustração das necessidades psicológicas básicas na relação entre orientações de identidade e saúde mental 13

Introdução

A adolescência constitui uma etapa fundamental do desenvolvimento humano, na qual os progressos físicos, cognitivos e socioemocionais permitem uma análise e síntese das identidades formadas na infância, possibilitando a construção de um percurso viável rumo à maturidade adulta. Nesse contexto, questões como a definição do *self* assumem uma relevância particular para os adolescentes (Chen et al., 2007). A forma como os indivíduos veem o seu *self* denomina-se autoconstrução (Cross et al., 2011) e compila os comportamentos passados, presentes e futuros do indivíduo (Markus & Kitayama, 2003). Markus e Kitayama (1991) definiram duas autoconstruções: as autoconstruções independentes e as autoconstruções interdependentes. A primeira corresponde a uma conceção do *self* como uma pessoa autónoma e individualista, cuja interação social decorre da necessidade de determinarem estrategicamente a melhor forma de expressar ou afirmar os seus atributos internos. Assim sendo, o "outro" é necessário para formar padrões de avaliação reflexiva ou como fonte de verificação e afirmação do *self.* Em contraste, a construção interdependente do *self* é caracterizada por uma visão sociocêntrica, contextual e relacional. Nesta formulação, o "outro" mantem-se essencial para o comportamento do indivíduo, a sua autovalidação e comparação social. Complementando esta perspetiva, Cross et al. (2011) consideraram que a autoconstrução interdependente possuía duas componentes: relacional e coletiva. A componente relacional descreve indivíduos que valorizam atributos que incluem relações diádicas significativas, enquanto a componente coletiva corresponde a indivíduos que privilegiam associações significativas a grupos.

O presente estudo decorreu de um projeto internacional com vários países envolvidos coordenado pelo Professor Dr. Veljko Jovanović da Universidade de Novi Sad (Sérvia), com coordenação em Portugal pela Professora Teresa Freire. Este estudo centrou-se apenas na amostra recolhida em Portugal.

Orientações de identidade

De modo a integrar e expandir as perspetivas anteriormente apresentadas, emerge o modelo tetrapartido do *self* (Cheek & Cheek, 2018). Nesta proposta, as autoconstruções independentes dão origem a uma única orientação identitária — o *self* individual ou *self* pessoal. Por sua vez, as autoconstruções interdependentes desdobram-se em três orientações: o *self* relacional, o *self* coletivo e o *self* público, este último caracterizado pela

valorização de atributos ligados à reputação, popularidade e imagem pública (Cheek & Cheek, 2020). Cada componente do *self* desempenha um papel fundamental na construção da identidade (Cheek & Cheek, 2018), sendo que as diferenças individuais residem na ênfase atribuída a cada um dos domínios identitários (Jovanović et al., 2024b). Num estudo realizado com 452 adolescentes sérvios foram denotadas diferenças significativas nas orientações de identidade em função do género, com as adolescentes a priorizarem os atributos pessoais e relacionais do *self*, dando menos primazia aos atributos coletivos comparativamente com os adolescentes (Jovanović et al., 2024a).

Orientações de identidade e saúde mental

As orientações de identidade têm mostrado associações significativas com vários construtos da saúde mental. Segundo Jovanović e colegas (2024a), a orientação de identidade pessoal produz um efeito positivo na satisfação com a vida e afeto positivo e parece associar-se a um nível reduzido de afeto negativo e comportamentos internalizantes. Num estudo realizado com 127 adolescentes indianos, a orientação de identidade individual associou-se a um reduzido nível de neuroticismo (associado a sintomatologia ansiosa, depressiva e a impulsividade) (Indumathy et al., 2020). Em contrapartida, a orientação de identidade relacional revela uma relação positiva com o afeto negativo e comportamentos internalizantes, não se verificando uma associação significativa com indicadores positivos de bem-estar (Jovanović et al., 2024a). Os resultados de um estudo com 365 estudantes universitários asiático-americanos e europeus-americanos demonstraram que a capacidade de supressão da raiva leva a um menor impacto emocional negativo e, consequentemente, a uma diminuição da sintomatologia depressiva (Cheung & Park, 2010). No entanto, num estudo de Park e Kim (2012), não foram detetadas relações estatisticamente significativas entre a orientação de identidade relacional e a sintomatologia externalizante. O *self* coletivo correlaciona-se positivamente com a satisfação com a vida e com o afeto positivo (Jovanović et al., 2024a). Por sua vez, esta orientação de identidade foi negativamente associada a comportamentos externalizantes, internalizantes e afeto negativo (Jovanović et al., 2024a), o que reforça um menor envolvimento em comportamentos delinquentes (Le & Stockdale, 2005). O *self* público, também designado por *self* social (Cheek & Cheek, 2018), associou-se a uma diminuição da satisfação com a vida e afeto positivo (Jovanović et al., 2024a). Além disso, parece ser a orientação de identidade que se revela menos favorável para o bem-estar subjetivo (Cheeck &

Cheeck, 2018), relacionando-se significativamente com níveis mais elevados de ansiedade social, afeto negativo, comportamentos internalizantes e externalizantes (Jovanović et al., 2024a) e neuroticismo (Shafer, 2000). Num estudo com adultos emergentes residentes nos Emirados Árabes Unidos, esta orientação de identidade revelou-se um preditor estatisticamente significativo da depressão, explicando 2,5% da variância nos níveis de sintomatologia depressiva (Habeeb et al., 2021).

Necessidades psicológicas básicas

No cerne da Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas está a premissa de que os indivíduos possuem um conjunto de necessidades psicológicas fundamentais (autonomia, relacionamento e competência), cuja satisfação é crucial para a prosperidade e crescimento holístico do indivíduo (Ryan & Deci, 2017). A autonomia diz respeito ao sentimento de ter vontade e autodeterminação (Vansteenkiste et al., 2020), correspondendo à capacidade do indivíduo fazer escolhas congruentes com os seus valores e interesses (Ryan & Deci, 2017). Quando satisfeita, o indivíduo vivencia uma sensação de integridade, aceitando genuinamente as suas ações, pensamentos e emoções; por outro lado, quando frustrada, o indivíduo experimenta pressão ou, até mesmo, conflito interno. Os relacionamentos representam a experiência de afeto, vínculo e cuidado, e são satisfeitos quando o indivíduo se sente conectado com os "outros" (Vansteenkiste et al., 2020), resultando no cuidado e contribuição mútua (Ryan & Deci, 2017). A frustração desta necessidade traz consigo uma sensação de alienação social, exclusão e solidão. Por fim, a competência está relacionada com a sensação de eficácia e domínio, sendo satisfeita quando o indivíduo se envolve habilmente em atividades e tem a oportunidade de utilizar e expandir as suas capacidades e conhecimentos (Vansteenkiste et al., 2020; Ryan & Deci, 2017). No entanto, quando frustrada, resulta em sensações de ineficácia ou fracasso (Vansteenkiste et al., 2020).

Embora todas as necessidades psicológicas básicas sejam importantes, a autonomia é uma necessidade psicológica fundamental durante a adolescência, sendo a sua satisfação crucial para o desenvolvimento de um adolescente saudável e bem ajustado. A autonomia parece desempenhar um efeito particularmente importante na forma como os adolescentes navegam pelas complexidades da adolescência e se tornam indivíduos independentes (Soenens & Vansteenkiste, 2010).

Necessidades psicológicas básicas e orientações de identidade

A Teoria da Autodeterminação (Ryan & Deci, 2017) postula que para alcançar a máxima satisfação das necessidades psicológicas básicas, o indivíduo procura alinhar-se com identidades que as favoreçam, sustentando a potencial associação entre as orientações de identidade e as necessidades psicológicas básicas. Num estudo realizado com adolescentes sérvios verificou-se que a orientação de identidade pessoal foi a única que se associou positiva e negativamente com a satisfação e frustração de todas as necessidades psicológicas básicas, respetivamente. A orientação de identidade relacional relacionou-se positivamente com satisfação do relacionamento, enquanto a orientação de identidade coletiva revelou associações positivas com a satisfação da autonomia e competência, e associações negativas com a frustração dessas duas necessidades, bem como com a satisfação de relacionamentos, indicando que a pertença a um grupo não é condição suficiente para satisfazer esta necessidade. Por fim, a orientação de identidade pública mostrou relacionar-se positivamente com a frustração de todas as necessidades psicológicas básicas, estando associada negativamente à satisfação de relacionamento (Jovanović et al., 2024a).

Necessidades picológicas básicas e saúde mental

A satisfação das necessidades psicológicas básicas parece promover resultados psicológicos positivos, favorecendo o bem-estar e a adaptação do indivíduo. O que se evidenciou pelo estudo de Cordeiro et al. (2016), no qual se verificou o contributo da satisfação da autonomia para o bem-estar. De acordo com Ryan et al. (2008), a satisfação das necessidades psicológicas básicas demonstrou ser um mediador na relação entre uma vida eudaimónica (forma de viver focada no que é intrinsecamente valioso para o indivíduo) e o bem-estar, resultando na redução de sintomas associados ao stress. Por outro lado, a frustração das necessidades está associada a resultados psicológicos negativos, como comportamentos desadaptativos, que podem levar a problemas de saúde mental (Cordeiro et al., 2016; Vansteenkiste et al., 2020). Além disso, verificou-se que a frustração da autonomia conferiu uma maior probabilidade de despoletar comportamentos oposicionais (Van Petegem et al., 2015). Em contrapartida, quando ocorre frustração de uma outra necessidade psicológica, o comportamento oposicional surge também como um mecanismo de *coping* para lidar com esta frustração, no entanto, usualmente, este mecanismo torna-se contraproducente, exacerbando a frustração dessa necessidade (Vansteenkiste & Ryan, 2013).

Não obstante, dependendo das situações específicas em que estas necessidades psicológicas básicas são ativadas, determinar-se-á o ajustamento adaptativo ou desadaptativo do indivíduo (Cordeiro et al., 2016).

A adolescência é uma fase de grande desenvolvimento e solidificação da identidade. Esta procura pela identidade pode influenciar o bom funcionamento dos indivíduos (Indumathy et al., 2020), tornando-se um período de desenvolvimento fulcral a ser compreendido, nomeadamente ao nível do impacto das orientações de identidade na saúde mental. No entanto, o elemento subjacente que conecta as orientações de identidade à saúde mental na adolescência permanece pouco explorado pela literatura. Assim, sugere-se que as orientações de identidade possam incentivar os indivíduos a procurar experiências alinhadas com os atributos que valorizam (Jovanović et al., 2024b). Face ao exposto, o presente estudo sugere as necessidades psicológicas básicas como fatores que podem ajudar a entender a relação entre orientações de identidade e saúde mental na adolescência. A inclusão das necessidades psicológicas básicas como mediadoras emerge da sua relevância para o bem-estar humano, da sua natureza universal e do seu potencial para explicar como as orientações de identidade podem influenciar a saúde mental (Jovanović et al., 2024b). É de salientar a inexistência de evidências prévias que investiguem estas relações. Assim, o presente estudo estabeleceu dois objetivos:

1. Examinar as relações entre orientações de identidade e saúde mental na adolescência.
2. Investigar o impacto das necessidades psicológicas básicas (autonomia, competência, relacionamento) nas relações entre orientações de identidade e saúde mental na adolescência.

Metodologia

Amostra

A amostra deste estudo compreendeu 345 participantes, com idades entre os 14 e os 19 anos (*M* = 16.18; *DP* = 1.58), sendo a maioria do género feminino (64.4%). Quanto à escolaridade, o grau mais frequente entre as mães foi o ensino secundário (32.2%), enquanto entre os pais predominou o ensino básico (35.9%). A maioria das mães (86.4%) e dos pais

(91%) encontravam-se empregados. Relativamente à perceção da situação financeira familiar, 44.3% dos participantes consideraram-na boa.

Instrumentos utilizados

Os participantes foram submetidos a um único momento de avaliação, no qual preencheram questões de carácter sociodemográfico (por exemplo, género e idade) e seis escalas de avaliação psicológica.

Aspects of Identity Questionnaire-IV (AIQ-IV) (Cheek & Cheek, 2018)

O AIQ-IV é um questionário que mede a importância dos quatro aspetos da identidade (*self* pessoal, relacional, público e coletivo), capturando até que ponto diferentes aspetos da identidade são importantes. O questionário inclui um total de 45 itens, com dez itens especiais que não são pontuados e que não foram utilizados neste estudo. Os 35 itens utilizados distribuem-se pelas subescalas de "orientação de identidade pessoal", "orientação de identidade relacional", "orientação de identidade pública", e "orientação de identidade coletiva" e são avaliados numa escala de *Likert* de cinco pontos, sendo que 1 corresponde a "Não é importante para a minha perceção de quem sou" e 5 corresponde a "Extremamente importante para a minha perceção de quem sou". Neste estudo, três itens foram alterados para melhor adequação à faixa etária dos participantes: o item "A minha raça ou origem étnica" foi alterado para "A minha etnia ou nacionalidade de origem" uma vez que a raça não é um fator importante na maioria dos países; o item "A minha religião" foi alterado para "A minha religião ou os meus pontos de vista sobre religião", porque nem todos os adolescentes são religiosos; e, o item "Os meus compromissos com questões políticas ou as minhas atividades políticas" foi alterado para "As minhas opiniões sobre questões políticas e problemas sociais (como pobreza, desemprego, etc.)", pelo facto da maioria dos adolescentes não ser politicamente ativa. Esta constitui uma versão experimental do instrumento, traduzida através do método de reflexão oral, com discussão da equivalência semântica e aplicação de tradução reversa dos itens. As instruções de preenchimento foram ligeiramente adaptadas, para facilitar a sua compreensão pelos participantes. De acordo com a análise fatorial confirmatória realizada, o modelo de quatro fatores revelou um ajustamento adequado ($\chi^2(554) = 1427$; $p < .001$; CFI = .85; TLI = .84; RMSEA = .07) e índices de confiabilidade que variaram entre .83 e .90 (Tabela 1),

valores idênticos aos dos autores da escala (.73 - orientação de identidade coletiva a .92 - orientação de identidade relacional).

Basic Psychological Need Satisfaction and Frustration Scale (BPNSFS) (Chen, Vansteenkiste, et al., 2015); The Portuguese validation of the Basic Psychological Need Satisfaction and Frustration Scale (Cordeiro et al., 2016)

A BPNSFS é uma medida das dimensões de satisfação e frustração das necessidades psicológicas, composta por 24 itens, pontuados numa escala de *Likert* de cinco pontos, do "totalmente falso" (1) ao "totalmente verdadeiro" (5) e agrupados em seis subescalas: Satisfação da autonomia; Frustração da autonomia; Satisfação dos relacionamentos; Frustração dos relacionamentos; Satisfação da competência; e Frustração da competência (Chen, Vansteenkiste, et al., 2015; Van der Kaap-Deeder & Vansteenkiste, 2020). No presente estudo, o modelo de dois fatores não apresentou índices de ajustamento adequados (χ^2 (251) = 1022; p <.001; CFI = .80; TLI = .78; RMSEA = .09), por isso, prosseguiu-se com um modelo de seis fatores, que mostrou bom ajustamento (χ^2 (237) = 460; p <.001; CFI = .94; TLI = .93; RMSEA = .05). Os índices de confiabilidade obtidos variaram entre .73 e .87 (Tabela 1), idênticos ao estudo de validação para a população portuguesa.

Depression, Anxiety and Stress Scales (DASS-21) (Lovibond & Lovibond, 1995); Adpatação para a língua portuguesa da Depression, Anxiety and Stress Scales (Apóstolo et al., 2006)

A DASS-21 é uma versão abreviada da DASS-42, composta por 21 itens, divididos em três subescalas: depressão, ansiedade e stress e respondida numa escala do tipo *Likert* de quatro pontos, sendo que 0 corresponde a "Não se aplica a mim de todo" e 3 a "Aplicou-se muito a mim, ou a maior parte do tempo". No presente estudo, foram apenas administrados os itens correspondentes às subescalas de depressão e ansiedade (sete itens cada), tendo-se obtido um ajustamento adequado do modelo de dois fatores (χ^2(76) = 193; p <.001; CFI = .96; TLI = .96; RMSEA = .07) e coeficientes de consistência interna entre .90 e .92 (Tabela 1). A versão validada para a população portuguesa apresentou valores do alfa de Cronbach de .90 para a depressão e .86 para a ansiedade.

Youth Externalizing Problems Screener (YEPS) (Renshaw & Cook, 2019)

A YEPS é um instrumento de autorrelato de dez itens destinado à avaliação dos

problemas externalizantes gerais de adolescentes. Os itens distribuem-se por dois domínios comportamentais: "problemas de conduta/oposição-desafio" e "hiperatividade-impulsividade/desatenção", respondidos numa escala do tipo Likert de quatro pontos (1 = "quase nunca" a 4 = "quase sempre"). Neste estudo, foi utilizada uma versão experimental da YEPS, traduzida por reflexão oral, com discussão da equivalência semântica e aplicação de tradução reversa. O modelo de dois fatores não atingiu os valores mínimos de referência recomendados ($\chi^2(32) = 134$; $p < .001$; CFI = .94; TLI = .91; RMSEA = .10), e os coeficientes de consistência interna variaram entre .77 e .86 (Tabela 1). Na versão original, foi reportado um valor de $\alpha = .98$ para o total da escala.

Scale of Positive And Negative Experience (SPANE) (Diener et al., 2009); Validation of the Scale of Positive And Negative Experience (Silva & Caetano 2013)

A SPANE é um questionário composto por 12 itens, divididos em duas subescalas que avaliam experiências afetivas positivas e negativas. Cada item é respondido numa escala Likert que varia entre 1 ("nunca ou muito raramente") e 5 ("muito frequentemente ou sempre"). No presente estudo, a estrutura de dois fatores revelou bom ajustamento ($\chi^2(53) = 153$; $p < .001$; CFI = .96; TLI = .95; RMSEA = .07) e coeficientes de consistência interna entre .86 e .91 (Tabela 1). Na versão validada para a população portuguesa, os alfas de cronbach variaram entre .84 e .90.

Abbreviated Three-Item Version of the Satisfaction With Life Scale (SWLS-3) (Kjell & Diener, 2021)

A SWLS-3 avalia a satisfação com a vida e é composta pelos três primeiros itens da SWLS *(Diener et al., 1985)*, respondidos numa escala de Likert de sete pontos (1 = "Discordo totalmente"; 7 = "Concordo fortemente"). A versão original obteve um alfa de cronbach de .88 e no presente estudo o valor obtido foi de .80 (Tabela 1).

Procedimentos

Após aprovação pela Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Minho, os dados foram recolhidos em escolas do norte de Portugal. A divulgação do instrumento de recolha de dados foi realizada, em contexto de sala de aula, através de um link e QR code que permitiu o acesso à plataforma Qualtrics, na qual

as escalas utilizadas tinham sido previamente inseridas. Todos os procedimentos para a obtenção do consentimento para a participação neste estudo foram cumpridos, incluindo a participação voluntária dos adolescentes, a ausência de itens de resposta obrigatória e a possibilidade de desistência a qualquer momento. O preenchimento do questionário teve uma duração média de 15 minutos.

Análise estatística

A análise dos dados foi realizada utilizando os softwares IBM SPSS (versão 28.0) e *Jamovi* (versão 2.3.28). A base de dados, proveniente da plataforma *Qualtrics,* foi transferida para o IBM SPSS, no qual, se procedeu ao tratamento inicial dos dados, com base no critério proposto por Hair et al. (2018), que recomenda a exclusão de casos com mais de 10% de respostas em falta, resultando na remoção de 213 participantes. De seguida, foram realizadas as análises descritivas das variáveis sociodemográficas e das variáveis principais em estudo. Nesta fase, calcularam-se também os coeficientes de consistência interna (alfa de Cronbach) e as correlações entre as variáveis principais. De modo a confirmar se as escalas mantinham a mesma estrutura fatorial prevista, procedeu-se à análise fatorial confirmatória de todas as escalas no *Jamovi*, considerando-se os seguintes critérios de ajustamento: Índice de Ajustamento Comparativo (CFI) e Índice de Tucker-Lewis (TLI) iguais ou superiores a .95 e Raíz do Erro Quadrático Médio de Aproximação (RMSEA) inferior ou igual a .05 (Hu & Bentler, 1999). Posteriormente, foram realizadas as análises de mediação, considerando-se a existência de mediação quando o efeito total e o efeito indireto se revelaram estatisticamente significativos e o efeito direto não foi significativo. O efeito total representa a relação entre as orientações de identidade e a saúde mental; o efeito direto corresponde à associação entre essas variáveis, controlando o efeito das necessidades psicológicas básicas; e o efeito indireto refere-se à influência das orientações de identidade na saúde mental, mediada pelas necessidades psicológicas básicas.

Resultados

A Tabela 1 apresenta uma visão geral das análises descritivas e de correlação das variáveis principais.

Tabela 1

Análises descritivas, índices de confiabilidade e correlações entre as subescalas

	α	*M*	*DP*	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.	13.	14.	15.	16.
1.AIQIV_P	.90	4.11	.70	—															
2.AIQIV_R	.90	4.08	.70	.75***	—														
3.AIQIV_S	.87	3.43	.81	.46***	.52***	—													
4.AIQIV_C	.83	3.38	.82	.63***	.56***	.52***	—												
5.BPNSFS_SA	.76	3.74	.77	.51***	.44***	.25***	.37***	—											
6.BPNSFS_FA	.73	3.21	.89	.19***	.23***	.30***	.18***	.11*	—										
7.BPNSFS_SR	.80	3.90	.79	.52***	.48***	.14***	.37***	.61***	.14*	—									
8.BPNSFS_FR	.85	2.37	1.09	-.04	.02	.28***	.11*	-.02	.50***	-.25***	—								
9.BPNSFS_SC	.87	3.63	.90	.42***	.28***	.14*	.33***	.65***	.02	.58***	-.08	—							
10.BPNSFS_FC	.81	3.00	1.01	.09	.16***	.35***	.14***	-.01	.60***	-.04	.63***	-.26***	—						

11.DASSDA_D	.90	1.22	.87	.04	.05	.20***	.10	-.16**	.41***	-.20***	.58***	-.27***	.55***	—					
12.DASSDA_A	.92	1.11	.85	.07	.09	.16**	.14**	-.06	.32***	-.10	.48***	-.25***	.49***	.78***	—				
13.YEPS_PC	.86	1.74	.68	.05	.04	.17**	.18***	-.002	.30***	-.12*	.46***	.02	.27***	.55***	.50***	—			
14.YEPS_HI	.77	2.17	.76	.12*	.12*	.19***	.14*	.03	.36***	-.04	.37***	-.09	.33***	.52***	.54***	.65***	—		
15.SPANE_P	.91	22.24	4.74	.33***	.29***	.14*	.22***	.48***	-.02	.51***	-.15**	.52***	-.14*	-.31***	-.21***	.03	.05	—	
16.SPANE_N	.86	14.91	5.04	.06	.05	.17**	.06	-.12*	.33***	-.27***	.48***	-.29***	.45***	.64***	.57***	.46***	.42***	-.25***	—
17.SWLS_3	.80	4.74	1.31	.31***	.25***	.19***	.28***	.46***	-.09	.46***	-.16**	.54***	-.18***	-.25***	-.24***	-.06	-.12*	.55	-.25***

*Nota: ***p*<.001*; **p*<.01*; *p*<.05*;* α = alfa de cronbach; *M = média; DP = desvio-padrão.* AIQIV_P = Orientação de identidade pessoal; AIQIV_R = Orientação de identidade relacional; AIQIV_S = Orientação de identidade social; AIQIV_C = Orientação de identidade coletiva; BPNSFS_SA = Satisfação da autonomia; BPNSFS_FA = Frustração da autonomia; BPNSFS_SR = Satisfação de relacionamentos; BPNSFS_FR = Frustração de relacionamentos; BPNSFS_SC = Satisfação da competência; BPNSFS_FC = Frustração da competência; DASS21DA_D = Depressão; DASS21DA_A = Ansiedade; YEPS_PC = problemas de conduta/oposição-desafio; YEPS_HI = hiperatividade-impulsividade/desatenção; SPANE_P = Afeto positivo; SPANE_N = Afeto negativo; SWLS3 = Satisfaction with Life Scale - 3 items version.

A orientação de identidade pessoal foi a mais prevalente (*M* = 4.11; *DP* = .70) e a satisfação das três necessidades psicológicas básicas foi superior à respetiva frustração, destacando-se a satisfação nos relacionamentos (*M* = 3.90; *DP* = .79). Em relação às subescalas da saúde mental, observou-se uma maior prevalência da depressão (*M* = 1.22; *DP* = .85) e de hiperatividade-impulsividade/desatenção (*M* = 2.17; *DP* = .76), bem como níveis elevados de experiências afetivas positivas (*M* = 22.24; *DP* = 4.74). As análises de correlação revelaram associaçãoes positivas entre as subescalas da AIQIV (*r* = .46 a .75, *p* < .001), da DASS-21 (*r* = .78, *p* < .001) e da YEPS (*r* = .65, *p* < .001), enquanto a SPANE exibiu uma correlação negativa (*r* = -.25, *p* < .001). As subescalas da AIQIV correlacionaram-se postivamente com a BPNSFS (*r* = .11, *p* = .036 a *r* = .52, *p* < .001), a DASS-21 (*r* = .14, *p* = .009 a *r* =.20, *p* < .001), a YEPS (*r* = .12, *p* = .030 a *r* = .19, *p* < .001), a SPANE (*r* = .14, *p* = .010 a *r* = .33, *p* < .001), e a SWLS3 (*r* = .19 a .31, *p* < .001), salvo algumas exceções. As subescalas de satisfação da BPNSFS apresentaram correlações positivas com a SWLS3 (*r* = .46 a .54, *p* < .001) e a SPANE_P (*r* = .48 a .52, *p* < .001) e negativas com a DASSDA_D (*r* = -.16, *p* = .004 a *r* = -.27, *p* < .001) e SPANE_N (*r* = -.12, *p* = .024 a *r* = -.29, *p* < .001). Por sua vez, a frustração da BPNSFS correlacionou-se positivamente com a DASS_D (*r* = .41 a .58, *p* < .001), DASS_A (*r* = .32 a .49, *p* < .001), YEPS_PC (*r* = .27 a .46, *p* < .001), YEPS_HI (*r* = .33 a .37, *p* < .001) e SPANE_N (*r* = .33 a .48, *p* < .001) e negativamente com a SWLS3 (*r* = -.16, *p* = .002 a *r* = -.18, *p* < .001) e SPANE_P (*r* = -.14, *p* = .013 a *r* = -.15, *p* < .01), exceto com a BPNSFS_FA.

Os resultados apresentados na tabela 2 indicam que a satisfação da autonomia mediou as relações entre a orientação de identidade pessoal e a satisfação com a vida (β = 0.41, *p* < .001); entre a orientação de identidade relacional e as experiências afetivas positivas (β = 1.28, *p* < .001) e a satisfação com a vida (β = 0.36, *p* < .001); entre a orientação de identidade social e as experiências afetivas positivas (β = 0.66, *p* < .001) e a satisfação com a vida (β = 0.19, *p* < .001); entre a orientação de identidade coletiva e as experiências afetivas positivas (β = 0.97, *p* < .001). A satisfação dos relacionamentos foi mediadora das relações entre a orientação de identidade pessoal e a satisfação com a vida (β = 0.42, *p* < .001); entre a orientação de identidade relacional e as experiências afetivas positivas (β = 1.49, *p* < .001) e a satisfação com a vida (β = 0.40, *p* < .001); entre a orientação de identidade social e as experiências afetivas positivas (β = 0.44, *p* < .01); entre a orientação de identidade coletiva e as experiências afetivas positivas (β = 0.97, *p* = .007). A satisfação da competência mediou as relações entre a

orientação de identidade pessoal e a satisfação com a vida (β = 0.40, p < .001); entre a orientação de identidade social e as experiências afetivas positivas (β = 0.40, p = .018); entre a orientação de identidade coletiva e as experiências afetivas positivas (β = 0.89, p < .001).

Tabela 2

Efeitos da mediação da satisfação e frustração das necessidades psicológicas básicas na relação entre orientações de identidade e saúde mental

Variáveis	Efeito Total	Efeito Direto	Efeito Indireto
	β	β	β
BPNSFS_SA			
AIQIV_P→SWLS3	0.58***	0.17	0.41***
AIQIV_R→SPANE_P	1.97***	0.70	1.28***
AIQIV_R→SWLS3	0.47***	0.11	0.36***
AIQIV_S→SPANE_P	0.83**	0.17	0.66***
AIQIV_S→SWLS3	0.31***	0.12	0.19***
AIQIV_C→SPANE_P	1.29***	0.32	0.97***
BPNSFS_FA			
AIQIV_P→YEPS_HI	0.14*	0.06	0.08**
AIQIV_R→YEPS_HI	0.13*	0.04	0.09***
AIQIV_S→DASS21DA_A	0.17**	0.07	0.10***
AIQIV_S→DASS21DA_D	0.21***	0.09	0.12***
AIQIV_S→YEPS_PC	0.14**	0.07	0.07***
AIQIV_S→YEPS_HI	0.18***	0.08	0.10***
AIQIV_S→SPANE_N	1.08**	0.51	0.57***
AIQIV_C→DASS21DA_A	0.15**	0.09	0.06**
AIQIV_C→YEPS_HI	0.13**	0.07	0.06**
BPNSFS_SR			
AIQIV_P→SWLS3	0.58***	0.16	0.42***
AIQIV_R→SPANE_P	1.97***	0.48	1.49***
AIQIV_R→SWLS3	0.47***	0.08	0.40***
AIQIV_S→SPANE_P	0.83**	0.39	0.44**
AIQIV_C→SPANE_P	1.29***	0.32	0.97***
BPNSFS_FR			
AIQIV_S→DASS21DA_A	0.17**	0.03	0.14***
AIQIV_S→DASS21DA_D	0.21***	0.04	0.17***

AIQIV_S→YEPS_PC	0.14**	0.04	0.10***
AIQIV_S→YEPS_HI	0.18***	0.09	0.09***
AIQIV_S→SPANE_N	1.08**	0.25	0.83***
AIQIV_C→DASS21DA_A	0.15**	0.09	0.06*
BPNSFS_SC			
AIQIV_P→SWLS3	0.58***	0.18	0.40***
AIQIV_S→SPANE_P	0.83**	0.44	0.40*
AIQIV_C→SPANE_P	1.29***	0.41	0.89***
BPNSFS_FC			
AIQIV_R→YEPS_HI	0.13*	0.07	0.06**
AIQIV_S→DASS21DA_A	0.17**	-0.02	0.19***
AIQIV_S→DASS21DA_D	0.21***	0.01	0.20***
AIQIV_S→YEPS_PC	0.14**	0.07	0.07***
AIQIV_S→YEPS_HI	0.18***	0.08	0.10***
AIQIV_S→SPANE_N	1.08**	0.12	0.96***
AIQIV_C→DASS21DA_A	0.15**	0.08	0.07*
AIQIV_C→YEPS_HI	0.13**	0.09	0.04*

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$; AIQIV_P = Orientação de identidade pessoal; AIQIV_R = Orientação de identidade relacional; AIQIV_S = Orientação de identidade social; AIQIV_C = Orientação de identidade coletiva; BPNSFS_SA = Satisfação da autonomia; BPNSFS_FA = Frustração da autonomia; BPNSFS_SR = Satisfação de relacionamentos; BPNSFS_FR = Frustração de relacionamentos; BPNSFS_SC = Satisfação da competência; BPNSFS_FC = Frustração da competência; DASS21DA_D = Depressão; DASS21DA_A= Ansiedade; YEPS_PC = problemas de conduta/oposição-desafio; YEPS_HI = hiperatividade-impulsividade/desatenção; SPANE_P = Afeto positivo; SPANE_N = afeto negativo; SWLS3 = Satisfaction with Life Scale - 3 items version.

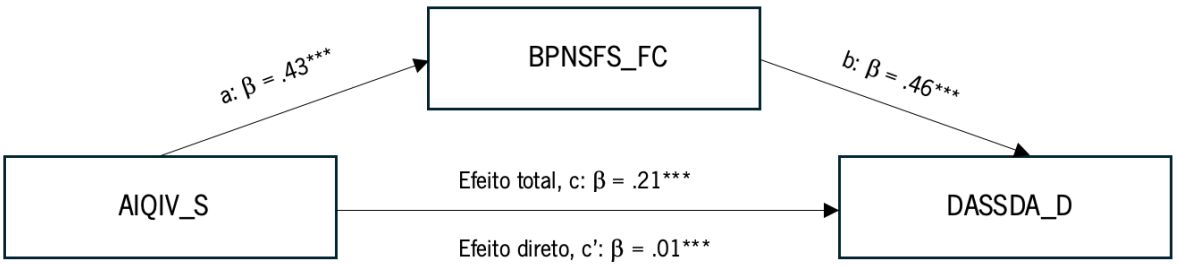
Relativamente à frustração das necessidades psicológicas básicas, a frustração da autonomia foi mediadora da relação entre a orientação de identidade pessoal e relacional e a hiperatividade-impulsividade/desatenção (β = 0.08, p = .001; β = 0.087, p < .001, respetivamente); entre a orientação de identidade social e a ansiedade (β = 0.10, p < .001); a depressão (β = 0.12, p < .001); os problemas de conduta/oposição-desafio (β = 0.07, p < .001); a hiperatividade-impulsividade/desatenção (β = 0.10, p < .001) e as experiências afetivas negativas (β = 0.57, p < .001); e entre a orientação de identidade coletiva e a ansiedade (β =

0.06, *p* = .004) e a hiperatividade-impulsividade/desatenção (β = 0.06, *p* = .003). A frustração de relacionamentos mediou as relações entre a orientação de identidade social e a ansiedade (β = 0.14, *p* < .001), a depressão (β = 0.17, *p* < .001), os problemas de conduta/oposição-desafio (β = 0.10, *p* < .001), a hiperatividade-impulsividade/desatenção (β = 0.09, *p* < .001) e as experiências afetivas negativas (β = 0.83, *p* < .001), bem como entre a orientação de identidade coletiva e a ansiedade (β = 0.06, *p* = .039). Por fim, a frustração da competência foi mediadora da relação entre a orientação de identidade relacional e a hiperatividade-impulsividade/desatenção (β = 0.06, *p* = .006); entre a orientação de identidade social e a ansiedade (β = 0.19, *p* < .001), a depressão (β = 0.20, *p* < .001), os problemas de conduta/oposição-desafio (β = 0.07, *p* < .001), a hiperatividade-impulsividade/desatenção (β = 0.10, *p* < .001), as experiências afetivas negativas (β = 0.96, *p* < .001); e entre a orientação de identidade coletiva e a ansiedade (β = 0.07, *p* = .010) e a hiperatividade-impulsividade/desatenção (β = 0.04, *p* = .015).

A relação com o maior efeito mediador foi observada entre a orientação de identidade social e a depressão, mediada pela frustração da competência. Nesta relação, a frustração da competência explica 95.23% do efeito indireto da orientação de identidade social na depressão (Figura 1).

Figura 1

Orientação de identidade social como preditor de depressão, mediado pela frustração da competência



****p* < .001.

Nota. O efeito indireto do modelo é de β = .20 (*p* < .001).

AIQIV_S = Orientação de identidade social; BPNSFS_FC = Frustração da competência; DASS21DA_D = Depressão.

Discussão

O presente estudo teve como principal propósito examinar as relações entre as orientações de identidade e a saúde mental na adolescência, bem como explorar o papel mediador das necessidades psicológicas básicas (autonomia, competência e relacionamento) nessas relações, à luz da Teoria da Autodeterminação (Ryan & Deci, 2017). Os resultados de saúde mental obtidos destacaram uma maior prevalência da depressão comparativamente com a ansiedade, maior hiperatividade comparativamente com oposição e desafio, maior prevalência de experiências afetivas positivas comparativamente com as negativas. Estes indicadores de saúde mental mostram-se associados às orientações de identidade, sugerindo que a identidade pode desempenhar um papel particular na contribuição para a saúde mental dos adolescentes. Estes resultados estão em consonância com o estudo de Jovanović e colegas (2024a) ao demonstrar uma relação de cariz preditivo entre as orientações de identidade e indicadores de bem-estar psicológico, como a satisfação com a vida e experiências afetivas positivas e sintomatologia psicopatológica, como ansiedade e depressão.

Os adolescentes portugueses apresentaram uma orientação de identidade predominantemente pessoal, evidenciando um maior foco em traços, valores e competências individuais, em detrimento da identificação com grupos ou categorias sociais, mostrando que os adolescentes estão comprometidos com valores e características que consideram autenticamente seus. Este padrão é congruente com o observado noutros países europeus, como Espanha, Montenegro, Croácia e Sérvia, e contrasta com os dados obtidos em países asiáticos e alguns latino-americanos, que tradicionalmente apresentam maior valorização da identidade coletiva (Jovanović et al., 2025). Este dado reflete as tendências de individualismo mais acentuadas observadas em Portugal e noutros contextos culturais ocidentais, o que indica que países com uma orientação mais individualista tendem a valorizar menos a identidade coletiva (Jovanović et al., 2025). Esta predominância da orientação de identidade pessoal mostrou-se consistentemente associada a melhores indicadores de saúde mental, sugerindo que a construção de uma identidade centrada no *self* poderá funcionar como um fator protetor durante esta fase desenvolvimental. Em contraste, a orientação de identidade social demonstrou associações ambivalentes com as variáveis de saúde mental, predizendo tanto resultados de saúde mental positivos (satisfação com a vida e experiências afetivas positivas) como negativos (comportamentos internalizantes, externalizantes e experiências afetivas negativas), desafiando a premissa de diversos estudos que relacionaram a orientação

de identidade social apenas com resultados negativos de saúde mental (e.g. Cheek & Cheek, 2018 ; Jovanović et al., 2024a; Shafer, 2000), permitindo a análise desta orientação de identidade através de uma nova lente, que conduz a resultados psicológicos divergentes.

No que concerne ao impacto das necessidades psicológicas básicas nas relações entre orientações de identidade e saúde mental na adolescência cada uma das orientações apresentou padrões distintos de relação com as necessidades psicológicas de autonomia, competência e relacionamentos, tal como descrito pela Teoria da Autodeterminação (Ryan & Deci, 2000). Os participantes do presente estudo reportaram uma maior satisfação do que frustração das suas necessidades psicológicas básicas, sendo a satisfação dos relacionamentos a mais elevada, seguida da satisfação da autonomia e, por último, da satisfação da competência. Estes dados mostram que a satisfação das necessidades psicológicas básicas constitui um mecanismo facilitador da associação positiva entre as orientações de identidade e a saúde mental dos adolescentes.

Quando as necessidades psicológicas básicas foram satisfeitas, todas as orientações de identidade apresentaram relações positivas com indicadores de bem-estar. Assim sendo, quando a autonomia e os relacionamentos foram satisfeitos, todas as orientações de identidade se relacionaram positivamente com diferentes indicadores de saúde mental (satisfação com a vida e experiências afetivas positivas). Relativamente à competência, quando satisfeita, todas as orientações de identidade se associaram positivamente a indicadores de saúde mental, com exceção da orientação de identidade relacional (priorização das relações próximas com outros). Este padrão indica que a capacidade dos adolescentes se sentirem autónomos, competentes e vinculados com os "outros" é fundamental para que a construção identitária, independentemente da sua orientação específica.

Por outro lado, a frustração destas necessidades psicológicas básicas associou-se de forma consistente a níveis mais elevados de sintomatologia psicológica, incluindo ansiedade, depressão, hiperatividade-impulsividade/desatenção, problemas de conduta/oposição-desafio e experiências afetivas negativas. Quando a autonomia sofreu frustração, todas as orientações de identidade mostraram-se positivamente associadas à sintomatologia psicológica (como a hiperatividade-impulsividade/desatenção, a ansiedade, a depressão e os problemas de conduta/oposição-desafio). Quando frustrados, os relacionamentos associaram-se à sintomatologia psicológica (como a hiperatividade-impulsividade/desatenção, a ansiedade, a depressão, as experiências afetivas negativas e os

problemas de conduta/oposição-desafio). Quando a competência era frustrada, todas as orientações de identidade mostraram relações positivas com sintomatologia psicológica. Estes dados sugerem que a ausência de satisfação das necessidades fundamentais enfraquece o potencial protetor da identidade e aumenta a vulnerabilidade emocional dos adolescentes. Esta interpretação é consistente com o enquadramento teórico da Teoria da Autodeterminação (Ryan & Deci, 2017), que propõe que a satisfação das necessidades psicológicas básicas é fundamental para a saúde mental na adolescência. Quando estas necessidades são atendidas, os adolescentes tendem a experimentar um maior bem-estar emocional e ajustamento psicológico, sentindo que têm controlo sobre as suas ações, são eficazes nas suas interações e têm apoio social.

Neste estudo, a orientação de identidade pessoal (centrada em valores, traços e objetivos individuais) refletiu-se numa maior valorização, por parte dos adolescentes, das dimensões de autonomia e competência, o que por sua vez, se associou a níveis mais favoráveis de saúde mental identificados. Esta associação pode ser entendida como uma manifestação de sucesso no processo descrito por Erikson (1968) — o fortalecimento de um *self* individualizado e funcional. Por outro lado, a menor valorização das orientações de identidade social e coletiva pode sugerir uma menor exploração ou integração das dimensões identitárias relacionadas à pertença grupal. Em contrapartida, a fraca associação entre a orientação de identidade social (que prioriza vínculos interpessoais e processos de pertença a grupos) e os indicadores de saúde mental sugere uma menor satisfação da necessidade de pertença através de vínculos grupais, ou ainda uma integração menos significativa dessa dimensão identitária no contexto cultural específico da amostra.

Apesar dos resultados observados, importa considerar também as situações em que não se verificaram mediações significativas. A ausência de efeitos de mediação em determinadas relações poderá ser interpretada à luz de diversas considerações teóricas, contextuais e metodológicas. Em primeiro lugar, é importante reconhecer que nem todas as orientações de identidade assumem igual saliência ou significado para todos os adolescentes (Ryan & Deci, 2017), a identidade coletiva (indivíduos que prezam o sentido de pertença a grupos), por exemplo, poderá não constituir uma dimensão central para o *self* dos jovens participantes, o que poderá explicar a ausência de relações significativas com determinadas necessidades psicológicas básicas e com indicadores de saúde mental. Em segundo lugar, a natureza específica das necessidades psicológicas básicas pode também justificar a

inexistência de mediações em alguns casos. Enquanto a identidade pessoal parece favorecer diretamente a satisfação da autonomia e da competência, a identidade relacional poderá mobilizar prioritariamente a necessidade de relacionamentos, sem impactar de forma significativa a perceção da competência, o que contraria o postulado por Ryan & Deci (2017), ao retratarem a formação de uma identidade integrada que se esforça para a satisfação integrada e simultânea das três necessidades psicológicas básicas. Assim, a diversidade nas formas como as diferentes orientações identitárias se ligam às necessidades pode contribuir para a variabilidade observada nos padrões de mediação. Adicionalmente, a adolescência é um período caracterizado por grande complexidade emocional e desenvolvimento não linear, em que fatores de risco e de proteção podem coexistir simultaneamente (Steinberg, 2014). A presença de experiências afetivas positivas, mesmo em adolescentes que reportam frustração de algumas necessidades básicas, poderá atenuar os efeitos negativos esperados, dificultando a deteção de mediações claras.

Relevância teórica e implicações práticas

Os resultados do presente estudo reforçam a importância da integração dos processos identitários e da satisfação das necessidades psicológicas básicas em programas de promoção da saúde mental, salientando a necessidade de abordagens integradas e sensíveis às dinâmicas desenvolvimentais e contextuais características da adolescência. A adolescência, sendo uma fase sensível de consolidação do *self* e de gestão emocional, requer abordagens de intervenção que reconheçam a identidade e a satisfação das necessidades psicológicas básicas como elementos centrais. Assim, programas educativos e clínicos devem promover identidades pessoais saudáveis e coerentes, incentivando o autoconhecimento, a reflexão sobre valores pessoais, a exploração vocacional e a autonomia nas tomadas de decisão. Em paralelo, mostra-se crucial fomentar contextos sociais que permitam a expressão autêntica da identidade e a construção de relações de pertença positivas, sem desvalorizar a importância da dimensão coletiva no bem-estar dos adolescentes. A adaptação das intervenções às identidades dos indivíduos poderá aumentar a eficácia das mesmas, representando uma via promissora para a promoção da saúde mental.

Limitações e sugestões para estudos futuros

O uso de uma amostra com predominância na faixa etária dos 16 anos, e que por sua

vez não abrange todas as fases da adolescência, é apresentada como uma limitação deste estudo. Acrescenta-se também que a não obrigatoriedade de resposta comprometeu a ausência de resposta a alguns itens. Os indicadores de saúde mental considerados neste estudo avaliam unicamente sintomas internalizantes, externalizantes e o bem-estar subjetivo, pelo que uma abordagem mais abrangente e multidimensional da saúde mental poderia revelar-se metodologicamente mais vantajosa. O estudo utiliza medidas de autorrelato, adequadas para avaliar as variáveis em estudo, acarretando com limitações próprias dessa abordagem, sendo que a aplicação dos instrumentos seguiu a mesma sequência para todos os participantes, logo não foi possível controlar o potencial efeito da fadiga.

Não obstante às limitações apresentadas, futuras investigações poderão explorar mais aprofundadamente as relações de causalidade entre orientações identitárias, necessidades psicológicas básicas e saúde mental, incluindo variáveis contextuais, como o apoio familiar e escolar, de modo a compreender de forma mais abrangente os mecanismos mediacionais subjacentes às relações entre identidade e saúde mental. Estes fatores ecológicos poderão revelar-se cruciais na influência dos efeitos das necessidades psicológicas básicas sobre a saúde mental dos jovens. A inclusão de amostras mais diversificadas, como por exemplo investigar se determinados perfis identitários são mais prevalentes entre adolescentes com diagnóstico de perturbações do foro psicológico, como a perturbação depressiva major (PDM) poderá igualmente enriquecer o conhecimento nesta área.

Em síntese, este estudo contribuiu para o crescente corpo de literatura que reconhece a identidade como um fator central no desenvolvimento psicológico nos adolescentes portugueses, oferecendo contributos valiosos para intervenções que promovam o bem-estar psicológico e aprofundem a compreensão do desenvolvimento do adolescente.

Referências

Alves Apóstolo, J. L., Cruz Mendes, A., & Aguiar Azeredo, Z. (2006). Adaptação Para a língua portuguesa da depression, anxiety and stress Scale (DASS). *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, *14*(6) https://doi.org/10.1590/S0104-11692006000600006

Cheek, N. N., & Cheek, J. M. (2018). Aspects of identity: From the inner-outer metaphor to a tetrapartite model of the self. *Self and Identity*, *17*(4), 467–482. https://doi.org/10.1080/15298868.2017.1412347

Cheek, N. N., & Cheek, J. M. (2020). Independent/interdependent self. In B. J. Carducci, C. S. Nave, J. S. Mio, R. E. Riggio (Eds.). *The Wiley Encyclopedia of Personality and Individual Differences, Models and Theories* (pp. 257–261). Wiley. https://doi.org/10.1002/9781119547143.ch43

Chen, B., Vansteenkiste, M., Beyers, W., Boone, L., Deci, E., Van der Kaap-Deeder, J., Duriez, B., Lens, W., Matos, L., Mouratidis, A., Ryan, R., Sheldon, K., Soenens, B., Petegem, S. & Verstuyf, J. (2015). Basic psychological need satisfaction, need frustration, and need strength across four cultures. *Motivation and Emotion, 39*, 216–236. https://doi.org/10.1007/s11031-014-9450-1

Cheung, R. Y. M., & Park, I. J. K. (2010). Anger suppression, interdependent self-construal, and depression among Asian American and European American college students. *Cultural Diversity & Ethnic Minority Psychology, 16*(4), 517–525. https://doi.org/10.1037/a0020655

Cordeiro, P., Paixão, P., Lens, W., Lacante, M., & Luyckx, K. (2016). The Portuguese Validation of the Basic Psychological Need Satisfaction and Frustration Scale: Concurrent and Longitudinal Relations to Well-being and Ill-being. *Psychologica Belgica*, *56* (3), 193–209. http://doi.org/10.5334/pb.252

Cross, S. E., Hardin, E. E., & Gercek-Swing, B. (2011). The what, how, why, and where of self-construal. *Personality and Social Psychology Review*, *15*(2), 142–179. https://doi.org/10.1177/1088868310373752

Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction With Life Scale. *Journal of personality assessment*, *49*(1), 71–75. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa4901_13

Diener, E., Sandvik, E., & Pavot, W. (2009). Happiness is the frequency, not the intensity, of positive versus negative affect. In E. Diener (Eds.). *Assessing well-being: The collected*

works of Ed Diener (pp. 213-231). Dordrecht: Springer Netherlands. https://doi.org/10.1007/978-90-481-2354-4_10

Habeeb, H., & Hamid, A. A. (2021). Exploring the Relationship between Identity Orientation and Symptoms of Depression among Third Culture Kids College Students. *International Journal of Instruction*, *14*(3), 999-1010. https://doi.org/10.29333/iji.2021.14358a

Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2018). *Multivariate Data Analysis* (8ª ed.). Cengage Learning.

Hu, L. T., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal, 6*(1), 1-55. https://doi.org/10.1080/10705519909540118

Indumathy, J., Divvyalakshmi, N.N., AshwiniU, R., & Ashwini, K.M. (2020). Personal identity and neuroticism among late adolescents. *Journal of Management Research and Analysis*, *5*(2), 166-169. https://doi.org/10.18231/2394-2770.2018.0026

The jamovi project (2022). Jamovi. (Version 2.3) [Computer Software]. Retrieved from https://www.jamovi.org.

Johnson, J. A. (1987). Influence of adolescent social crowds on the development of vocational identity. *Journal of Vocational Behavior*, *31*(2), 182-199. https://doi.org/10.1016/0001-8791(87)90056-X

Jovanović, V., Lazić, M., Gavrilov-Jerković, V., Obradović, V., Šakan, D., Tomašević, A., & Zotović-Kostić, M. (2024a). Aspects of identity questionnaire-IV: An examination of structural validity, gender invariance, and relationships with mental health and basic psychological needs among adolescents. *Journal of Personality Assessment*, *107*(1), 28-40. https://doi.org/10.1080/00223891.2024.2367546

Jovanović, V., Tomašević, A., Šakan, D., Lazić, M., Gavrilov-Jerković, V., Zotović-Kostić, M., & Obradović, V. (2024b). The role of basic psychological needs in the relationships between identity orientations and adolescent mental health: A protocol for a longitudinal study. *PLoS ONE*, *19* https://doi.org/10.1371/journal.pone.0296507

Jovanović, V., Adams, S., Al Banna, M. H., Aritio-Solana, R., Aryanto, C. B., Avsec, A., ... & Zotović-Kostić, M. (2025). Adolescent self-construal across cultures: Measurement invariance of the Aspects of Identity Questionnaire-IV in 30 countries. *Journal of Research on Adolescence*, *35*(2), e70017. https://doi.org/10.1111/jora.70017

Kjell, O. N., & Diener, E. (2021). Abbreviated three-item versions of the satisfaction with life scale and the harmony in life scale yield as strong psychometric properties as the original scales. *Journal of Personality Assessment*, *103*(2), 183-194. https://doi.org/10.1080/00223891.2020.1737093

Le, T. N., & Stockdale, G. D. (2005). Individualism, collectivism, and delinquency in Asian American adolescents. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, *34*(4), 681-691. https://doi.org/10.1207/s15374424jccp3404_10

Lovibond, S. H., & Lovibond, P. F. (1995). *Depression Anxiety Stress Scales (DASS--21, DASS--42)* [Database record]. APA PsycTests. https://doi.org/10.1037/t01004-000

Markus, H. R., & Kitayama, S. (1991). Culture and the self: Implications for cognition, emotion, and motivation. *Psychological Review, 98*, 224-253. https://doi.org/10.1037/0033-295X.98.2.224

Markus, H. R., & Kitayama, S. (2003). *Culture, self, and the reality of the social*. Psychological inquiry, *14*(3-4), 277-283. https://doi.org/10.1080/1047840X.2003.9682893

Park, I. J., & Kim, P. Y. (2012). The role of self-construals in the link between anger regulation and externalizing problems in Korean American adolescents: Testing a moderated mediation model. *Journal of clinical psychology*, *68*(12), 1339-1359. https://doi.org/10.1002/jclp.21878

Renshaw, T. L., & Cook, C. R. (2019). Preliminary psychometrics of responses to the Youth Externalizing Problems Screener. *Journal of Psychoeducational Assessment*, *37*(8), 1016-1022. https://doi.org/10.1177/0734282918809814

Ryan, R. M., Huta, V., & Deci, E. L. (2008). Living well: A self-determination theory perspective on eudaimonia. *Journal of Happiness Studies, 9*, 139-170. https://doi.org/10.1007/s10902-006-9023-4

Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2017). *Self-determination theory: Basic psychological needs in motivation, development, and wellness.* The Guilford Press. https://doi.org/10.1521/978.14625/28806

Shafer, A. B. (2000). Relation of the Big Five to Biodata and aspects of the self. *Personality and Individual Differences*, *28*(6), 1017-1035. https://doi.org/10.1016/S0191-8869(99)00126-9

Silva, A. D., Taveira, M. D. C., Marques, C., & Gouveia, V. V. (2015). Satisfaction with life scale among adolescents and young adults in Portugal: Extending evidence of construct

validity. *Social Indicators Research*, *120*, 309-318. https://doi.org/10.1007/s11205-014-0587-9

Silva, A. J., & Caetano, A. (2013). Validation of the Flourishing Scale and Scale of Positive and Negative Experience in Portugal. *Social Indicators Research, 110,* 469–478. https://doi.org/10.1007/s11205-011-9938-y

Soenens, B., & Vansteenkiste, M. (2010). A theoretical upgrade of the concept of parental psychological control: Proposing new insights on the basis of self-determination theory. *Developmental Review, 30*(1), 74-99. https://doi.org/10.1016/j.dr.2009.11.001

Steinberg, L. (2014). *Age of opportunity: Lessons from the new science of adolescence*. Houghton Mifflin Harcourt.

IBM Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), Statistics para Windows (versões 28.0), (IBM Corp., Armonk, NY, USA)

Van der Kaap-Deeder, J., Soenens, B., Ryan, R. M., & Vansteenkiste, M. (2020). *Manual of the Basic Psychological Need Satisfaction and Frustration Scale (BPNSFS).* Ghent University.

Van Petegem, S., Soenens, B., Vansteenkiste, M., & Beyers, W. (2015). Rebels with a cause? Adolescent defiance from the perspective of reactance theory and self-determination theory. *Child development*, *86*(3), 903-918. https://doi.org/10.1111/cdev.12355

Vansteenkiste, M., & Ryan, R. M. (2013). On psychological growth and vulnerability: Basic psychological need satisfaction and need frustration as a unifying principle. *Journal of Psychotherapy Integration, 23,* 263–280. https://doi.org/10.1037/a0032359

Vansteenkiste, M., Ryan, R. M., & Soenens, B. (2020). Basic psychological need theory: Advancements, critical themes, and future directions. *Motivation and Emotion, 44* (1), 1-31. https://doi.org/10.1007/s11031-019-09818-1